



TRAGÉDIA NO SUL

Guaíba volta a subir e assusta

De acordo com estudiosos, chuvas na bacia do lago e ventos diminuíram o ritmo da vazão. Em poucas horas, o nível aumentou 40cm, mas inundação não deve se manter

» MARINA DANTAS*
» PEDRO JOSÉ*

O nível da água do Guaíba voltou a subir mais uma vez e inundou o Centro Histórico de Porto Alegre. A explicação para isso são as “chuvas na bacia” do lago “e ventos do sul que fizeram aumentar o nível”, segundo o meteorologista Francisco Diniz. Por volta das 23h de domingo, a medição mostrava 3,44m de altura, mas, ao amanhecer, chegou a 3,86m.

Francisco afirma que não há risco de a região voltar a inundar, como no começo de maio — crê que o principal dano gerado pela cheia é em relação à limpeza e à recuperação da capital gaúcha. Mas, de acordo com o MetSul, os ventos que provocaram a enchente são consequência da chegada de uma frente fria, acompanhada de ventania, depois das altas temperaturas registradas na região metropolitana de Porto Alegre. O efeito dos ventos pode represar o Guaíba, cujo efeito é a subida de nível entre 30cm e 50cm.

De acordo com Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH), os cenários para o lago indicam recuo da cheia, com níveis em declínio lento nos próximos dias. Isso porque os volumes dos afluentes do Guaíba permanecem elevados — como o Jacuí e o Gravatá, ainda acima da cota de inundação; no caso do Taquari e do Caí, estão em nível estável abaixo da medição de alerta.

Reduções

O nível do lago deve alcançar novamente a cota de inundação

Henrique Lessa/CB/D.A Press



Comportas do Guaíba com sacos para conter a inundação. Afluentes do lago ainda estão com o nível elevado

a partir de hoje e pode se aproximar da cota de alerta no final da semana. Na análise de Fernando Dornelles, professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IPH-UFRGS), a subida do Guaíba é episódica. “Não temos aportes dos rios, todos estão baixando seus níveis”, afirma.

Estradas gaúchas

O Ministério dos Transportes destinou R\$ 1,2 bilhão para

contratos de emergência a fim de reconstruir e reabrir as rodovias do estado. Segundo um relatório da pasta, oito estradas federais gaúchas ainda estavam bloqueadas — duas totalmente fechadas ao tráfego e as demais com bloqueios parciais em 29 trechos.

O tráfego, porém, foi restabelecido em 106 segmentos de 11 rodovias federais. Outros 15 trechos de estradas estão em obras ou recebendo manutenção para que possam ser reabertos. A

expectativa do ministério é de que a situação se normalize completamente até o fim de 2025.

Levantamento do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer) e do Comando Rodoviário da Brigada Militar (CRBM) indica que o número de trechos impactados chega a 61, distribuídos por 34 rodovias estaduais — incluindo estradas, pontes e balsas.

* **Estagiários sob a supervisão de Fabio Grecchi**

Aeroporto pode ser reaberto até o Natal

» JAQUELINE FONSECA

O Aeroporto Salgado Filho deve ser reaberto até o Natal deste ano. A estimativa é de uma comissão, que verificou ontem a extensão dos danos do complexo e relacionou as obras necessárias para voltar a operar.

Segundo Andreea Pal, CEO da Fraport — que administra o Salgado Filho —, “estamos atuando para acelerarmos a retomada do aeroporto. Estamos fazendo nossa parte com diversas atividades já iniciadas. Se os impactos forem menores do que os previstos inicialmente, vamos torcer para que o aeroporto esteja disponível para o final do ano”.

A limpeza do complexo começou ontem, depois de passar um mês fechado em decorrência das enchentes que assolaram Porto Alegre. Sem operações durante esse período, análises e avaliações sobre as condições da pista de pouso estão sendo realizadas para detectar os impactos da água na estrutura e no pavimento.

Testes

Os testes devem durar 45 dias e as principais obras devem ser apresentadas no começo de julho, junto a um plano detalhando

Rafa Neddermeyer/Agência Brasi



Comissão verificou a condição do Salgado Filho para saber o que foi perdido e o que pode ser recuperado

aquilo que precisará ser refeito. Além disso, os equipamentos eletrônicos atingidos pelas águas estão sendo avaliados se podem ser recuperados ou se foram perdidos. A Fraport Brasil não tem uma estimativa do prejuízo.

Porém, o ministro Paulo Pimenta, da Secretaria Extraordinária da Presidência da República

para Apoio à Reconstrução do Rio Grande do Sul, cobrou agilidade da gestora do Salgado Filho para que a reabertura do aeroporto seja feita o quanto antes.

“É necessário que a concessão avance na discussão com o Ministério de Portos e Aeroportos, a Advocacia-Geral da União e a Anac (Agência

Nacional de Aviação Civil) no sentido de restabelecer o equilíbrio do contrato. Mas isso não pode ser impeditivo para que o trabalho seja acelerado e que avance. Nada pode ser motivo para atrasar ainda mais aquilo que é estratégico e fundamental”, frisou. **(Colaboraram Marina Dantas e Pedro José)**

Escolas técnicas de Brazlândia e Santa Maria com capacidade para receber mais de 3 mil alunos.

Foi este GDF que fez.
E está fazendo muito mais.



Oscilação nas últimas horas

02/06 — 23h: **3,44m**

03/06 — 4h: **3,77m**

03/06 — 7h: **3,86m**

03/06 — 14h: **3,64m**

03/06 — 16h: **3,61m**

Cota de inundação: **3,6m**

Cota de alerta: **3,15m**

Fontes: Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ASA) e Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura do Estado do Rio Grande do Sul (Sema)

Ministra atribui a países ricos desastre no estado

» HENRIQUE LESSA
Enviado especial

Teresina — A ministra da Ciência e Tecnologia, Luciana Santos, disse não ver contradição entre a exploração de petróleo na região da Foz do Amazonas e a defesa da transição energética pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Apesar de reconhecer que a tragédia no Rio Grande do Sul tem como causa as mudanças climáticas, questionada pelo **Correio** apontou que os responsáveis pelo evento extremo são os países desenvolvidos por derrubar todas as suas florestas — e não o petróleo brasileiro.

“Porto Alegre não é por conta do petróleo, são causas diferentes. Pode ser por conta do que aconteceu na Europa, do que aconteceu nos Estados Unidos. Somos nós que sofremos mais — os países em desenvolvimento, os impactos daqueles que não cuidaram das suas florestas. Não é por conta do petróleo do Brasil”, defendeu a ministra, na abertura da 1ª Conferência Internacional das Tecnologias das Energias Renováveis (Citer).

Para Luciana, a comunidade europeia tem a maior participação mundial na utilização de combustíveis fósseis na matriz energética. A ministra considera que o Brasil tem autoridade para manter a exploração petrolífera, “já que, no nosso uso, a gente ainda tem muita gordura para queimar”.

“As florestas que foram dizimadas na Europa e na América do Norte são os principais responsáveis pelo que aconteceu aqui (Rio Grande do Sul), com as mudanças climáticas e eventos em todo o planeta. Nunca fizeram nenhum esforço para mudar suas matrizes energéticas. Mesmo com tecnologias avançadas, continuam usando uma matriz fóssil e prejudicando a humanidade”, acusou a ministra.

Sem considerar contraditória a defesa da energia limpa e renovável e ampliação da exploração petrolífera na Margem Equatorial, Luciana defende a prospecção porque a Guiana o faz na região. “O Brasil tem a principal tecnologia de exploração do petróleo em águas profundas, apesar de sabermos que precisamos de uma transição. Mas essas transições não são rápidas. Não há ainda uma possibilidade de mudança dessa matriz. A foz (do Amazonas) tem uma exploração pela Guiana. É uma situação em que a gente se depara com a riqueza e a gente precisa desenvolver a tecnologia para mitigar os impactos”, explicou.

Para a ministra, o Brasil não pode renunciar aos potenciais naturais. “Mesmo que seja um combustível que precise mitigar os efeitos, a gente precisa equilibrar essa situação para não perder as vantagens de exploração”, afirmou.

O repórter viajou a convite da organização da Citer

» Estudo: clima deixou RS mais vulnerável

As mudanças climáticas dobraram a probabilidade das cheias que devastaram o Rio Grande do Sul e intensificaram as chuvas causadas pelo fenômeno El Niño. É o que destaca um estudo, divulgado ontem, pelo grupo World Weather Attribution (WWA) — que reúne cientistas e avalia a relação entre fenômenos meteorológicos extremos e o aquecimento global. O relatório alerta: “As alterações climáticas tornaram o evento (das enchentes) duas vezes mais provável e entre 6% e 9% mais intenso”.